

## GORDOFOBIA MÉDICA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DOS EFEITOS DE SENTIDO EM DISPUTA SOBRE O SER GORDO

VIRGINIA BARBOSA LUCENA CAETANO<sup>1</sup>; LUCIANA IOST VINHAS<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [vicaetano24@gmail.com](mailto:vicaetano24@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [lucianavinhas@gmail.com](mailto:lucianavinhas@gmail.com) (orientadora)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em um recorte da pesquisa de doutorado que está sendo desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas. Por se tratar de uma pesquisa em fase de desenvolvimento, apresentaremos algumas questões basilares sobre o tema em estudo, destacando a relevância social de pensar os discursos sobre a gordofobia, em especial no contexto médico-clínico. Também abordaremos a necessidade de construir dispositivos de análise que permitam compreender o funcionamento dos discursos sobre o corpo gordo na formação social capitalista, uma vez que este, por estar fora do padrão corporal normalizado, é, em diversos contextos, negado e estigmatizado.

Uma das questões incontornáveis que envolve o processo de estigmatização dos corpos gordos é a patologização da obesidade. Embora os estudos sobre as implicações do excesso de gordura corporal aconteçam já há alguns séculos e as descobertas científicas tenham apontado para uma série de possíveis transtornos decorrentes do excesso de peso, até poucos anos, a obesidade não era considerada uma patologia. Foi a partir de 2013 que a American Medical Association (AMA) passou a declarar a obesidade como uma doença. Os argumentos que justificam essa resolução estão relacionados às possíveis facilidades em atendimento e acesso a tratamentos que surgiriam do reconhecimento da obesidade como uma patologia. Os critérios para essa decisão, portanto, foram clínicos, não levando em consideração as implicações sociais e subjetivas que essa patologização poderia ter em relação aos sujeitos com sobrepeso.

Nesse sentido, Poulain (2013, p. 35) sustenta que, embora haja diversas doenças que afetem a população de modo socialmente diferenciado, a obesidade tem uma implicação muito particular: “a estigmatização tende a transformar a vítima em culpada e constitui assim um fator de agravamento”. É importante destacar que a patologização da obesidade é apenas um elemento do complexo processo, histórico e social, de estigmatização do corpo gordo. Um olhar atento aos discursos que circulam, especialmente nas mídias, sobre o corpo gordo possibilita a interpretação de que a estigmatização se sustenta em questões estéticas, mas usa argumentos do discurso da saúde para produzir efeito de legitimidade.

Em um contexto de denúncia e resistência à circulação dos discursos que colocam o corpo gordo como doente *a priori*, surgiu, em 2018, a campanha #gordofobiamédica. A *hashtag* foi colocada em circulação, nas redes sociais virtuais, pela jornalista Flávia Duarte, enquanto recolhia depoimentos para uma matéria que escrevia na época para sua coluna no portal UOL e viralizou rapidamente no *Twitter*. Em poucos dias, inúmeras pessoas utilizaram a *hashtag* para relatar situações vividas em visitas a consultórios médicos, ambulatórios ou

hospitais. A campanha sustenta a existência de um discurso gordofóbico “disfarçado” de preocupação com a saúde.

Partindo disso, com base nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso Materialista, buscaremos compreender como os diferentes sentidos sobre o corpo gordo, em disputa, afetam os processos de subjetivação dos sujeitos gordos. Para tanto, utilizaremos como *corpus* para análise relatos publicados na rede social virtual Instagram, nas quais sujeitos narram suas vivências e impressões sobre o discurso médico e também sobre seu próprio corpo. Nos ancoramos em tal perspectiva teórica porque a AD nos permite olhar, pelo viés do discurso, a subjetividade em sua dupla constituição: em sua singularidade – considerando a subjetividade determinada pelo Inconsciente – e no plano social – observando a forma como o histórico e o político afetam os processos de subjetivação.

## 2. METODOLOGIA

Orlandi (2017, p.10) acentua, ao falar da pesquisa em Análise de Discurso, que se trata de uma ciência na qual a análise precede a própria teoria, uma vez que o primeiro gesto do analista é, justamente, a escolha do objeto de análise e é nesse processo, então, que a teoria “vai-se impondo”. Não há uma metodologia pronta que sirva de instrumento para o analista e que se adapte a todo discurso. Analisar um discurso pela perspectiva materialista exige do analista a construção de um dispositivo de interpretação, que se vai constituindo em uma relação dialética entre análise do objeto e teoria. Como o trabalho aqui apresentado está em fase de desenvolvimento, portanto, nosso dispositivo analítico está se constituindo junto com o processo de análise. Nos deteremos, nesta seção, em apresentar alguns procedimentos importantes para o desenvolvimento da pesquisa.

O arquivo da pesquisa, aqui entendido “em sentido amplo como campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (PÊCHEUX, [1982] 2014, p. 59), é composto por um conjunto de relatos publicados na rede social virtual Instagram. Quando falamos de discursos produzidos no ciberespaço, precisamos levar em consideração a singularidade do seu processo de circulação, pois isso tem implicações no processo de construção do arquivo e delimitação do *corpus*. Os relatos selecionados para a presente pesquisa provêm de três processos diferentes de circulação: I) relatos coletados pela comunicadora Flávia Duarte e compartilhados em sua conta pessoal do Instagram; II) comentários de postagens sobre gordofobia médica no perfil da ativista Malu Jimenez, no Instagram; III) postagens realizadas em perfis de diversos usuários reunidas pela *hashtag* #gordofobiamédica. É importante destacar as diferenças no processo de formulação e circulação dos relatos que compõem o arquivo pois, embora todos os relatos estejam relacionados por tratar de questões em comum, as diferentes condições de produção produzem efeitos na constituição dos sentidos nas materialidades em análise.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No atual momento de desenvolvimento da pesquisa, estamos nos debruçando sobre algumas sequências discursivas (SD), recortadas dos relatos em análise, que apresentam como regularidade linguística a presença de orações subordinadas condicionais. Como exemplo, temos a SD1: *Levei minha filha na*

*época com 13 anos na ginecologista para exames de rotina e a Dra gritou para todo mundo ouvir “se emagrecer todos os problemas se acabam”, e a SD2: [...] fui a ginecologista pq tenho OP e ela me encaminhou pro endocrinologista e todas as vezes que ia na consulta ele dizia que eu ia morrer se não emagrecesse.*

Para fins de análise, organizamos as sequências discursivas (SDs) que apresentam oração subordinada adverbial condicional em dois grupos. O grupo 1 é composto pelas SDs nas quais a condicional é organizada em torno de uma possibilidade afirmativa – como exemplo, a SD1. Nessas sequências, emagrecer está diretamente relacionado a algum “benefício”, isto é, emagrecer é apresentado como condição para que o sujeito alcance algum objetivo. Já nas SDs que compõem o grupo 2, a sentença condicional vem organizada em torno de uma negação – como exemplo, a SD2. Nesse caso, temos o oposto, pois não emagrecer é colocado como condição para o sujeito que, caso resista a adequar seu corpo à norma, sofrerá com algum problema desencadeado pelo excesso de peso.

O funcionamento desses discursos, linearizados via oração condicional, aponta para a relação entre corpo e subjetividade imposta na formação social atual. O corpo, nesse sentido, aparece como condição de vida ou de morte para os sujeitos. Submeter-se à normalização dos corpos, nesse caso marcada pela prática de emagrecimento, torna-se um imperativo para a vida. Imperativo sustentado pela evidência do discurso dos médicos como “intermediários obrigatórios da gestão dos corpos” na atualidade (MOULIN, 2011, p. 18).

Não podemos deixar de considerar, contudo, que a normatização e controle aqui destacados não se dão sem que haja resistência dos corpos normatizados e controlados. Os relatos que compõem o arquivo da presente pesquisa podem ser pensados como marcas dessa resistência que se inscrevem pela palavra e no corpo. Tendo isso em vista, temos proposto articular a discussão em questão à complexa teorização sobre testemunho, uma vez que os relatos aqui apresentados apontam para uma urgência do dizer, e, assim, resistir frente a um projeto de extermínio dos corpos gordos.

#### 4. CONCLUSÕES

Por se tratar de um trabalho em desenvolvimento, não podemos apresentar, ainda, conclusões, mas já é possível destacar quão produtivos os discursos sobre a gordofobia médica são para pensar as relações entre corpo e discurso pela perspectiva materialista. Observar a forma singular como o sujeito gordo se relaciona com seu corpo, somada à discussão sobre a normatização dos corpos operada pelo aparelho ideológico de estado médico (ALTHUSSER, [1971] 2013), nos dá subsídios para avançar na teorização sobre o lugar do corpo no quadro teórico da Análise de Discurso e sobre a relação entre Inconsciente e Ideologia.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado. [1971]. In: ZIZEK, S. (Org.) **Um mapa da Ideologia**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

MOULIN, A. M. O corpo diante da medicina. In: CORBIN, A; COURTINE, J. J; VIGARELLO, G. (Orgs.). **História do corpo**: As mutações do olhar: Século XX. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 2011.

ORLANDI, E. P. O objeto da ciência também merece que se lute por ele. In: MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso**: (Re)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas: Pontes, 2017. p. 9-14.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. [1982]. In: ORLANDI, E. P. (org). **Gestos de Leitura**: da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. 4ª edição. p. 57-67.

POULAIN, J. P. **Sociologia da obesidade**. São Paulo: Editora Senac, 2013.